

Texto apresentado no XVI Congresso Nacional da Federação de Arte Educadores do Brasil

PÔSTER QUE A DANÇA SE ESTRUMBIQUE

Paola Rettore
Professora de Arte – CEFAR – Palácio das Artes

Os conceitos na contramão do mercado, enquanto a teoria pede a multidisciplinaridade as Escolas de Artes Cênicas passam a se dividir rigorosamente nas palavras de Escola de Teatro ou Escola de Dança. O objetivo por trás disso é na verdade defender o mercado de patrocinadores, de divisões de verbas de leis de incentivo. Teatrodanza, danza teatro, videodanza e todos os novos produtos “híbridos” tentando justificar as tendências de mercado.

Os conceitos, e as palavras colocadas sempre à mercê do mercado.

Todas as vezes que os conceitos trabalhados mudam os nomes das coisas só trazem polêmica, que tira o artista, principalmete o iniciante, de seu caminho, construindo castelos de areia. Por que a coisa passa a ser a coisa adaptada para um mercado dinâmico onde interesses e o dinheiro vão ditando as regras. Enquanto isso os artistas preocupados em desenvolver os conceitos perdem seu tempo ao invés de estar preocupados com o exercício da arte.

O artista preocupado com o mercado deixa de fazer para escrever projetos com objetivos e justificativas, deixando a surpresa, o inesperado do lado de fora. É sem risco, tudo muito bem planejado. “É a aliança da arte e ciência.” A arte é outra coisa. Ciência também. Na arte, e na pesquisa científica : “*não se pode esperar onde se vai chegar, ou se sabe onde se quer chegar, possivelmente não se tem a menor idéia de como se chegará*”, citando a coreógrafa estadunidense Twila Tharp.

O bailarino, vira bailarino-criador, o ator vira ator-criador, criando pleonasmos que só servem para lembrar, àqueles bailarinos e atores desmemoriados, de que são artistas. Ao mesmo tempo ignora, prova que o mercado não considerava que o ator e bailarino sempre foram artistas, isto é criadores.

Segundo Eva –Elizabeth Fisher, filósofa alemã e crítica de dança:

“A inter e a multimedialidade não é nenhum descobrimento dos finais do século XX. Tudo que ocorre sobre o cenário, no espetáculo foi e sempre continuará sendo multimedial, pois cada obra de teatro vive do jogo conjunto de diversos elementos, os intérpretes, os adereços, a iluminação, a música o texto e o movimento. Como novidade, desconcertante, sim, inclusive chocante pode se perceber, no melhor dos casos, uma nova organização desses elementos e a incorporação de um novo meio. Novas manifestações vão requerer meios novos.”

“Cuidado: a arte salva!”.

Uma passagem de Eugênio Barba em seu livro “*A Canoa de Papel*” nos aclara um pouco políticas culturais através da arte social:

“Na Polônia, no início dos anos sessenta, as autoridades impunham normas de produção, um número mínimo de estréias e de espetáculos por temporada. Era a quantidade que constituía um sinal de reconhecimento e de saúde artística e social. Este frenesi da produção e da quantidade, esta ilusão dos números e da estatística chamavam-se ‘política cultura’, ‘cultura democrática’, ‘teatro popular’.”

Enquanto isso bailarinos são formados dentro da estrutura de mercado, que têm como objetivo o outro (público, mercado, críticos e teóricos), predisposto à comunicação. Citando o coreógrafo Forsythe: *Dance is nothing but dance*. A dança não é comunicação, que a dança se estrumbique. Podemos falar da angústia dos artistas sempre correndo atrás do mercado do que se vende. Só que o mercado não tem preocupação com a arte. O mercado vende, troca e cobra muito caro. Os preços pagarão os artistas órfãos da roda da fortuna...

...e o mercado diz: os coreógrafos e bailarinos estão dançando com a luz apagada, você ainda dança com luz? O que isso? Apague sua luz.